



O Retorno da Ira (Com Humor Sádico e Depressivo)

Clara entrou no consultório do Dr. Pedro, já com a raiva fervendo em suas veias. Ela estava armada até os dentes com uma lista de problemas, pronta para desabafar como nunca. Não ia mais se deixar levar pelo silêncio e indiferença do psicólogo preguiçoso. Hoje, ela tinha uma guerra a travar.

Sentou-se na cadeira, com o peito se contraindo de frustração, e antes mesmo que o Dr. Pedro tivesse a chance de olhar para ela com aquele olhar lento e desinteressado de sempre, Clara disparou:

"Dr. Pedro, tem algo que eu preciso resolver, porque, olha... está foda! Desde que comecei a fazer terapia, o Osvaldo — aquele maldito da onça pintada fuzileiro naval — fica dizendo que a 'terapia está fazendo terapia por minha causa'. Ele diz que é tudo culpa minha. Ele acha que a terapia me deixou mais insuportável do que antes. Como se fosse um vírus que se espalhou e contaminou a minha vida e todo mundo ao meu redor! Ele acha que, basicamente, a terapia é um problema, não a solução!"

Dr. Pedro, com seus movimentos lentos, finalmente levantou os olhos. Olhou para ela com o desprezo habitual, como se fosse uma formiga tentando explicar seus problemas. Ele nem se mexeu para pegar a caneta, como se a simples ideia de se envolver na conversa fosse um trabalho árduo demais.

"Então você está dizendo que o Osvaldo não está satisfeito com a sua melhora, ou falta dela? E o que ele acha que a terapia pode fazer? Salvar o mundo? Porque, meu amor, o que você está dizendo é só mais uma desculpa esfarrapada para não enfrentar o fato de que nada vai mudar, a menos que você decida mudar, e isso, minha cara, não vai ser fácil."

Clara quase sentiu vontade de explodir. Ela respirou fundo, mas a ira estava transbordando. Não ia deixar isso passar em branco.

"Eu sei, Dr. Pedro, eu sei! Mas o Osvaldo não é o único problema. Aconteceu uma coisa ainda mais insana. Eu estava lá, tentando ser uma pessoa normal, e então, de repente, meu pesadelo ficou real: O Paulo Coelho apareceu na TV falando que escreveu mais um livro inútil baseado na minha família! Sim, você ouviu direito. O cara resolveu que minha vida era o tipo de história que ele poderia explorar! E aí, ele fez um livro inteiro baseado em um monte de desgraças que aconteceram na minha vida e na vida da minha família. Agora ele está dizendo que escreveu sobre minha família, sobre mim, e o pior: como sempre, ele faz tudo soar como se fosse alguma coisa espiritual, como se eu fosse a heroína da trama e ele fosse o mestre iluminado que me salvou da minha própria vida miserável! Eu quase explodi a TV!"

Dr. Pedro, com a paciência de um molusco e a agilidade de um bicho preguiça, olhou

para Clara com aquela indiferença e disse, quase sem se mexer:

“Ah, então o Paulo Coelho finalmente resolveu roubar sua vida também, né? Olha, Clara, eu não sei como te dizer isso, mas você está se fazendo de vítima de novo. Paulo Coelho... sério? Ele é o mestre da autoajuda barata, e você está aqui reclamando dele? Como se ele fosse a causa de todos os seus problemas. Acho que você precisa de um bom livro de autoajuda pra lidar com o Paulo Coelho. Ou quem sabe, um tanque de gasolina e fósforos... já pensou em botar fogo na TV?”

Clara não conseguiu controlar o impulso de explodir. Como ele podia ser tão cruel? Como ele podia ser tão indiferente?

“Não é isso, Dr. Pedro! É muito mais do que isso! Ele pegou cada momento patético da minha vida e transformou tudo em mais um lixo espiritual. E você sabe o que é pior? Quando eu vi o livro, eu comecei a achar que ele tem razão! Ele me faz parecer que minha vida é uma espécie de farsa iluminada! Eu comecei a acreditar nas histórias que ele inventou! E você, como sempre, não faz nada além de zombar! Você está me dizendo que não deveria estar aqui, que estou fazendo tudo errado, e que nada vai mudar! Que merda, Dr. Pedro! Eu não sei mais em quem acreditar!”

Dr. Pedro deu um suspiro, tão longo e preguiçoso que poderia ter demorado dias. Ele olhou para Clara como se ela fosse um problema chato que ele não tivesse vontade de resolver. Ele finalmente falou, ainda sem a mínima pressa:

“Você está tão imersa na sua própria miséria que nem percebe mais, Clara. O Paulo Coelho pode até ter feito um livro sobre você, mas a verdade é que, se ele fez isso, é porque você deu essa história pra ele. Você não percebeu isso? Ele só pegou o que você já tinha feito de errado e transformou em mais um lixo espiritual. E você ficou lá, consumindo tudo com prazer, porque você gosta da dor, gosta do sofrimento. E você vem até aqui, pra que eu te diga o quê? Que vai ficar tudo bem? Não vai, Clara. Não vai ficar tudo bem, e você sabe disso.”

Clara ficou em silêncio por um momento, digerindo as palavras. Ela estava se sentindo cada vez mais perdida. Dr. Pedro não estava dando nenhuma resposta confortável. Não havia consolo. Nada de “você vai melhorar” ou “vai dar tudo certo”. Ele apenas a empurrava de volta para a dor.

“Então, Dr. Pedro, você acha que isso é tudo culpa minha? Você acha que eu sou a única responsável por tudo isso? O Paulo Coelho, a terapia... todos esses problemas? Tudo isso é só culpa minha?”

Dr. Pedro, com aquele tom monótono e sem um pinga de compaixão, olhou para ela e respondeu, como se tivesse paciência para responder a uma pergunta óbvia:

“Sim, Clara, a culpa é sua. Como sempre. Você tem o controle, mas você escolhe não usá-lo. Você escolhe se afundar na sua própria merda e depois vem aqui, esperando uma resposta mágica. Mas a verdade é que, se você está onde está, é porque você quis chegar lá. Agora, quer saber? Não sei se você está buscando um salvador ou se está esperando que eu te dê uma resposta fácil. Não vou te salvar. Ninguém vai.”

Clara estava tão exausta, tão derrotada, que tudo o que queria fazer era sair dali e desaparecer. Mas, como sempre, Dr. Pedro a deixava com mais dúvidas do que antes. Ela se levantou, sem dizer mais nada, e foi embora. Ela já sabia o que ele diria. Já sabia que nada ia mudar, que ela não seria salva, e que a vida dela não tinha um final feliz. Ela só estava tentando sobreviver a mais um dia de sua própria existência torturada.

E, assim, Clara continuou sua jornada, não com esperança, mas com um vago sentimento de que talvez, apenas talvez, ela merecesse o caos que vivia.